

1. JORGE ARRIMAR, ESCRITOR, ANGOLA CONVIDADO

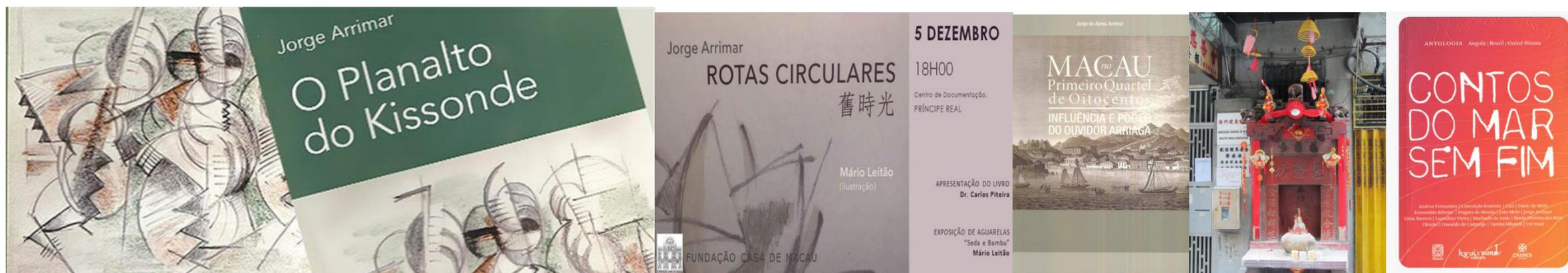


Jorge [Manuel de Abreu] **Arrimar** é natural de S. Pedro da Chibia, província da Huíla, Angola

Na década de 70 foi um dos fundadores do GRUCUHUÍLA (Grupo Cultural da Huíla) e dirigiu um suplemento literário no *Jornal da Huíla*, no qual publicou os seus primeiros poemas.

Na Faculdade de Letras da Universidade de Luanda iniciou os seus estudos superiores, tendo concluído, em Portugal, a Licenciatura em História, a Pós-Graduação em Ciências Documentais e o Doutoramento em História Moderna. Viveu em Macau de 1985 a finais de 1998, tendo exercido o cargo de diretor da Biblioteca Nacional / Central de Macau.

Coordenou o *Boletim Bibliográfico de Macau* (1988-1998) e os *Índices da Revista Macau*, II S. (1992-1999).



Participou em vários encontros de escritores, nomeadamente, I Encontro de Escritores Angolanos, Angola (2004).

É membro da União dos Escritores Angolanos.

A sua obra é referenciada em diversos estudos, nomeadamente em

Bibliografia das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa, de Gerald Moser e Manuel Ferreira, na revista África, sob a direção deste último;
de David Brookshaw (professor da Universidade de Bristol, Inglaterra) Poetry and Fiction from Lusophone borderlands:

Programa do colóquio da lusofonia

from Agostinho Neto to Jorge Arrimar and José Eduardo Agualusa e A Angolanidade em Viagem : a ficção histórica de Jorge Arrimar.

20 Poemas de Savana foi objeto da publicação de um ensaio intitulado 20 Poemas de Savana: Etnopoesia Angolana, da autoria de Maria da Conceição Vilhena. (revista de artes e letras).

Bibliografia

Ovatyilongo (1975),

Poesia - (1975);

Poemas (1979, em parceria com Eduardo B. Pinto), 2ª ed. 1993

20 Poemas de Savana (1981), 2ª ed. 1994

Murilaonde (1990),

Fonte do Lilau (1990),

Secretos Sinais (1992) e

Confluências (1997, em parceria com Manuel Yao Jingming).

As Cordas da Voz (2014); Rotas Circulares (2017

Ficção –

Viagem à Memória das Ilhas (2002);

O Planalto dos Pássaros (2002);

Os Infortúnios de Juvêncio (2003);

O Planalto do Salalé (2012);

O Planalto do Kissonde (2013);

Catarina (2013).

Colaborador:

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses

Antologia de Poetas de Macau c. Yao Jingming, 1999 (1999);

Dicionário Temático da Lusofonia (2005);

Ovi-Sungu, treze poetas de Angola (2007), entre outras antologias.

Dicionário de História de Macau (no prelo);

Autor de variados trabalhos na área da História e das Bibliotecas, como

Macau, suas Bibliotecas e Documentos. “RC”, nº 3 (1987);

Documentos sobre a História da China (1987);

Mons. Manuel Teixeira: O Homem e a Obra (1992);

A Biblioteca Central de Macau (1992);

Língua e Cultura Portuguesas no Oriente em “Atas do Encontro Português - Língua de Cultura” (1993);

A Biblioteca Central de Macau: das Origens à Rede de Bibliotecas Públicas.

“Cadernos BAD”, nº 1 (1994); Fontes para a História de Macau, em “Atas do I Seminário Internacional de História e Cultura de Macau” (1994);

A Biblioteca Central de Macau: Cem Anos de História. “RC”, nº 22 (1995);

A Companhia de Moçambique e Ásia.

“Revista Macau”, nº 69 (1998);

O Leal Senado de Macau e Miguel de Arriaga em “Atas do Seminário Internacional sobre o Municipalismo no Mundo Português”, Funchal (1999).

Membro do grupo de trabalho para a reestruturação do património bibliográfico e documental e à reorganização das Bibliotecas e Arquivo Histórico de Macau, 1989;

membro fundador Associação dos Naturais e Amigos de Angola em Macau – ANANGA;

Vice-Presidente da Comissão Organizadora do I Encontro Internacional de Bibliotecários em Macau, 1995;

membro da Comissão Executiva da Quinzena de Macau na Figueira da Foz, 1996;

membro da Comissão Organizadora do I Encontro de Poetas de Macau, 1997.

Fez o Curso de Teatro no Conservatório de Macau, 1995-1997.

Foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pelo Governador de Macau, 1997.

1. Tema “A Geografia da Escrita”

A geografia da escrita, da que me nasce das mãos quando o coração sangra, encontra-se enraizada em lugares, povos e culturas, cujas fronteiras sempre me soube bem atravessar ou romper. Como diria Mia Couto “O meu país tem países diversos dentro [...]. Eu mesmo sou a prova desse cruzar de mundos e de tempos.” (Mia Couto - “Encontros e encantos [...]”. *Interinvenções*, p. 123)

Nasci numa povoação do interior angolano, fundada no século XIX por gente oriunda de variados lugares, sobretudo das ilhas atlânticas; no tempo do cacimbo, quando, nas Terras Altas da Huíla, quase a dois mil metros de altitude, as pessoas usavam com alívio os kambrikitos, as samarras, e as fogueiras eram acesas mais cedo junto aos eumbos. Era o tempo do frio e a geada queimava a pele das pessoas e as folhas das árvores. Na vila da Chibia, na grande casa de adobe construída pelo meu avô e onde já minha mãe nascera, aguardava-se pela minha chegada, num dia de junho de 1953. Enquanto no terreiro a velha kimbanda Mukuma dançava e murmurava preces que só ela entendia, num olunyaneka antigo e mágico, minha mãe, envolta na penumbra do seu quarto, gemia de dores. Ao seu lado já se encontrava minha bisavó Carolina, avó de meu pai, aguardando, silenciosa, pelo momento certo da sua intervenção como parteira. Quando esse momento chegou, a sagrada tarefa de dar à luz uma criança iniciou-se com a apaziguadora reza de preparação do espírito antes da carne se abrir em chaga e dor. Bisavó Carolina benzeu-se e começou a salmodiar, num português arcaico e insular, uma reza muito antiga, que se foi misturando com as preces, em olunyaneka, da velha Mukuma, que dançava no terreiro.

Assim nasci eu, a um tempo protegido pelas orações de minha bisavó e pelas palavras mágicas da velha kimbanda. Um tempo e um lugar de fronteiras (físicas, étnicas, culturais), que me levaram ao desafio contínuo de as transpor... e me perder. Tornei-me, como diria Agualusa, um “fronteiras perdidas”, condição que marcaria indelevelmente a minha escrita.

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ